

## Política de comércio exterior: equívocos e tendência de déficits em transações correntes

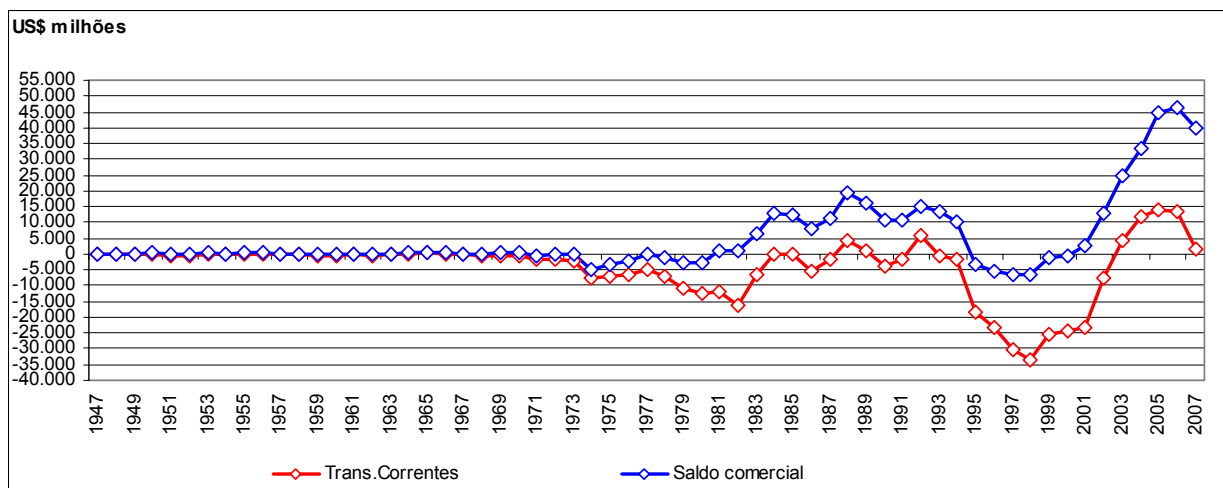
### Os déficits em Transações Correntes e a política de comércio exterior (Parte I)

Benedicto Fonseca Moreira  
Presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil - AEB

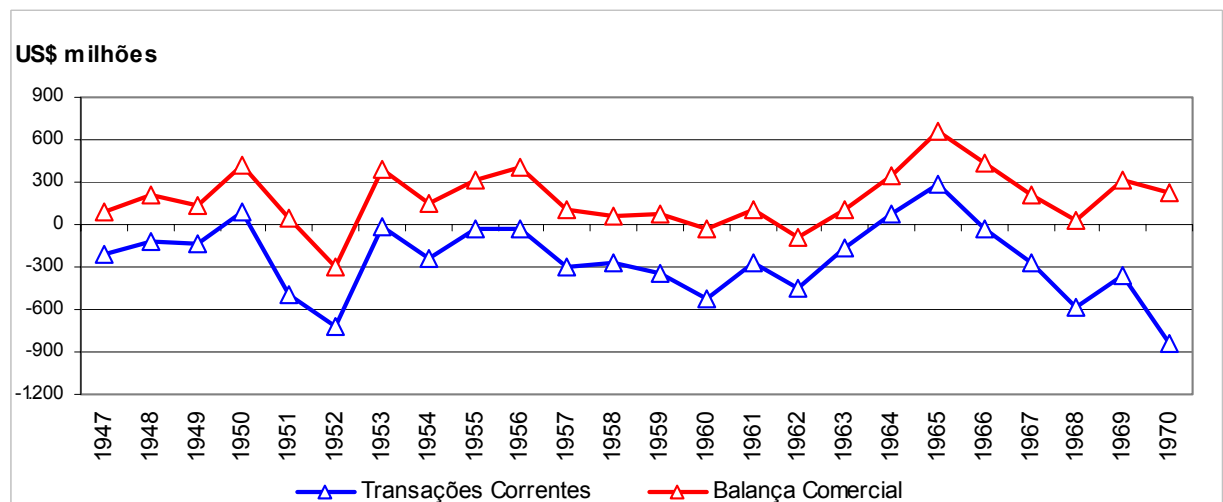
O Brasil, ao longo de mais de cinquenta anos, conviveu e foi cerceado por dois “fantasmas”: o desequilíbrio das contas externas e a inflação. Em ambos os casos, foram adotadas medidas para solucionar no curto prazo, não tendo sido implementadas ações estruturais para atender aos objetivos de médio e longo prazo da nação.

A análise da série estatística do balanço de pagamentos em transações correntes, entre 1947 e 2007, mostra saldos negativos em cinquenta e um anos do período. Também a balança comercial brasileira registrou déficits em dezenove anos ao longo desse período, com destaque para as décadas de 70, devido às duas crises do petróleo, e 90, à época de transição e reestruturação da economia brasileira após a abertura comercial.

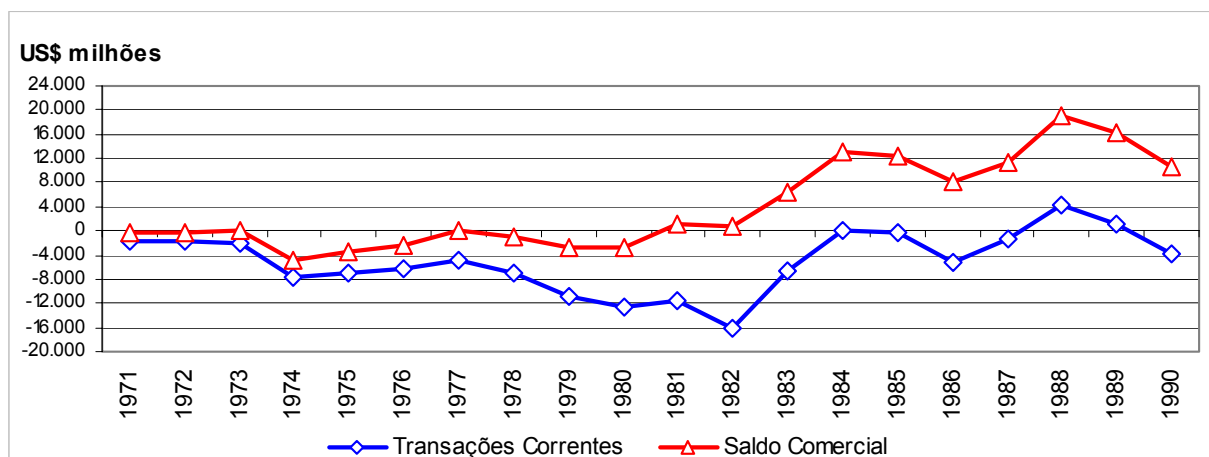
**Gráfico 1: Saldo comercial e em Transações Correntes - série histórica 1947 a 2007**



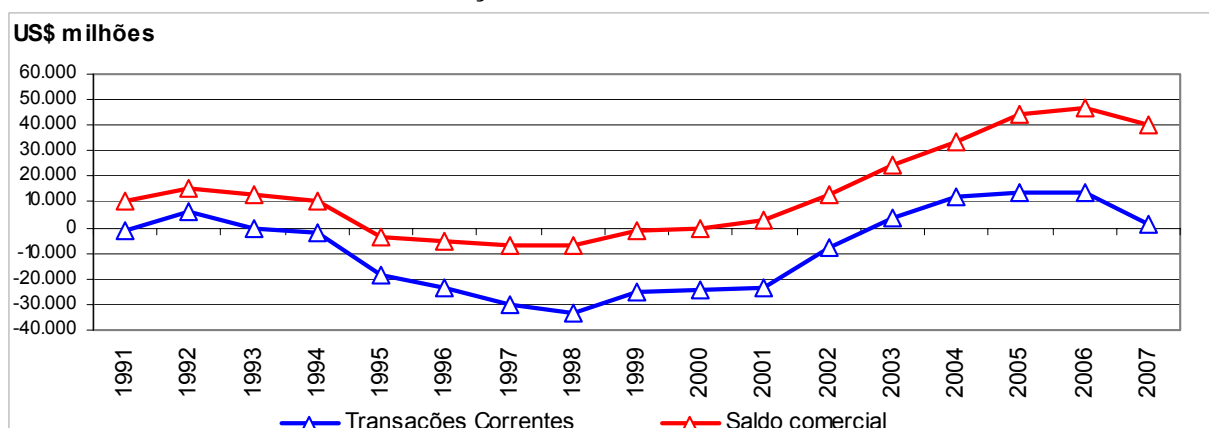
**Gráfico 2: Saldo comercial e em Transações Correntes 1947 a 1970**



**Gráfico 3: Saldo comercial e em Transações Correntes 1971 a 1990**



**Gráfico 4: Saldo comercial e em Transações Correntes 1991 a 2007**



Mesmo sendo claro o foco dos problemas dos desequilíbrios externos, os governos — e analistas econômicos — continuaram, e ainda persistem, a dar destaque aos resultados da balança comercial. Essa distorção de análise, talvez decorrente do insuficiente grau de desenvolvimento do país e da nossa prática cultural, induziu ao forte controle direto da importação de mercadorias e da própria economia entre 1947 e 1990, quatro longas décadas. O controle direto das importações, no passado, é o fator que explica, em grande parte, a acumulação de superávits comerciais, naquele período.

A tendência histórica de déficits em transações correntes se inverteu a partir de 2003, com a balança comercial brasileira passando a apresentar superávits em nível capaz de compensar os déficits da conta de serviços e rendas.

A balança comercial registrou, nos últimos cinco anos, saldo acumulado no valor de US\$ 190,2 bilhões. Se somado ao resultado das transferências unilaterais no período, no total de US\$ 18,0 bilhões, resulta no expressivo saldo acumulado de US\$ 208,2 bilhões, cifra que permitiu cobrir, entre 2003 e 2007, o crescente déficit da conta de serviços e renda, respectivamente, US\$ 40,9 bilhões e US\$ 121,8 bilhões, totalizando US\$ 162,7 bilhões. Por outro lado, o superávit acumulado das transações correntes, no período, somou US\$ 45,5 bilhões.

**Tabela 1: Balanço de Pagamentos em Transações Correntes 2003 a 2007**

US\$ bilhões

Período	Contas superavitárias		Soma dos superávits	Contas deficitárias		Soma dos déficits	Saldo em Transações Correntes
	Balança comercial	Transferências Unilaterais		Serviços	Rendas		
2003	24,9	2,9	27,8	-4,9	-18,6	-23,5	4,3
2004	33,8	3,2	37,1	-4,7	-20,5	-25,2	11,9
2005	44,9	3,6	48,5	-8,3	-26,0	-34,3	14,2
2006	46,5	4,3	50,8	-9,6	-27,5	-37,1	13,6
2007	40,0	4,0	44,1	-13,4	-29,2	-42,6	1,5
Saldo acumulado	190,2	18,0	208,2	-40,9	-121,8	-162,7	45,5

Fonte: Balança comercial: MDIC/SECEX-Sistema Alice; Demais: BACEN

Esse êxito parece ter convencido as autoridades sobre o “acerto” das medidas e ações de política adotadas entre 2003/2007. Vale lembrar que os dois principais fatores que alavancaram as vendas externas — de US\$ 73,2 bilhões em 2003, para US\$ 160,6 bilhões em 2007 —, na verdade, foram a forte demanda externa liderada pela China e a elevação dos preços internacionais de alimentos e matérias primas, que alcançaram cotações muito acima da média histórica das últimas décadas.

O sucesso das vendas externas está expresso na continuidade da concentração da pauta de exportação em commodities, embora com maior diversificação, apesar da marginalização da política de produção e da inexistência de uma política de comércio exterior global, integrada, coerente, disciplinada, organizada, programática e facilitadora, que atenda, concomitantemente, a necessidade de diversificar e aumentar a produção e garantir a adequação e equilíbrio das contas externas, com a eliminação da tendência estrutural de déficit nas contas de serviços e renda.

A crise mundial, que ora se apresenta, provavelmente tornará clara a nossa fragilidade produtiva e limitada capacidade competitiva, em decorrência direta da falta de políticas de produção e de comércio exterior. Um primeiro efeito da presente crise na economia brasileira, provavelmente, será na conta de transações correntes, que passaria a deficitária este ano, diante de menor superávit comercial. O possível retorno ao saldo negativo, conforme salientado, é esperado, diante da expansão das importações a taxas muito superiores às das exportações nacionais, que leva à tendência de redução do superávit comercial, e dos crescentes déficits na conta de serviços e rendas.

A tendência de déficits em transações correntes pode se repetir em 2009 e 2010. Vale ressaltar que, do lado das exportações, se não houver recuperação da economia mundial e, sobretudo, melhor tratamento à política de exportação, dificilmente as vendas externas se expandirão nos níveis observados nos últimos anos.

Mantidos o crescimento da economia e a taxa de câmbio deprimida, as importações continuarão a crescer a taxas elevadas, levando a que o saldo comercial, já a partir de 2008, venha a sofrer importante e significativa redução. Assim, os superávits comerciais tenderão a não mais compensar o déficit estrutural da conta de serviços e rendas.

**Tabela 2: Perspectivas do Balanço de Pagamentos em Transações Correntes para 2008**

US\$ bilhões

Hipótese	Exportação		Importação		Saldo Comercial	Transfêrências Unilaterais	Saldo Serviços	Saldo Rendas	Saldo em Transações Correntes
	Valor	Var.%	Valor	Var.%					
Otimista	187,2	16,5	157,5	30,6	29,7	4,0	-14,0	-30,0	-10,3
Ponderada	180,0	12,0	159,2	32,0	20,8	4,0	-14,0	-30,0	-19,2
Pessimista	173,6	8,0	162,8	35,0	10,8	4,0	-14,0	-30,0	-29,2
<b>Tendência</b>	<b>180,0</b>	<b>12,0</b>	<b>162,8</b>	<b>35,0</b>	<b>17,2</b>	<b>4,0</b>	<b>-14,0</b>	<b>-30,0</b>	<b>-22,8</b>

Elaboração: AEB

Para evitar o retorno ao passado, com a acumulação de déficits que possam vir a corroer as reservas cambiais, e impedir o almejado *investment grade*, o governo terá que atuar, concomitantemente, em três áreas:

(a) estabelecer a política, as regras e as normas de exportação de serviços, pois esse segmento é o em que, mais rapidamente, poder-se-á obter respostas para acelerar as exportações. Os serviços constituem a principal forma de equilibrar a tendência de menores saldos comerciais e maiores dispêndios na conta de serviços e rendas;

(b) expandir e diversificar mais as exportações. Isto implica adoção de política de apoio à produção e de medidas “agressivas” para o aumento da capacitação competitiva, com redução dos custos a uma magnitude tal, que seja capaz de equalizar o câmbio depreciado em um novo patamar; e

(c) racionalizar a política de importação e aperfeiçoar os sistemas de valoração aduaneira e de defesa comercial, inclusive, mediante a utilização de mecanismos não tarifários, previstos na legislação internacional.

O Brasil, caso não adote medidas para eliminar equívocos e superar barreiras ao crescimento da produção e da exportação, poderá sofrer efeitos restritivos à exportação de mercadorias e serviços; e à produção doméstica ser afetada pelos efeitos distorcivos provocados pelo aumento da importação e pela restrita estrutura de proteção tarifária e não tarifária.

Em muito boa hora, o governo prepara um programa de aceleração das exportações e a nova fase da política industrial, de corte caráter setorial. Sem dúvida, o país precisa e necessita de projeto integrado de desenvolvimento econômico e social, consubstanciado em plano e programa coerente e sustentável no tempo. Plano que dê ao país horizonte de crescimento econômico auto-sustentável, a taxas de crescimento que permitam resgatar a pobreza e compatíveis com a expansão da economia mundial.

O Brasil precisa de projetos com essa perspectiva, para o quê os anunciados são fundamentais. O momento é oportuno, por ser de coincidências positivas, podendo e devendo ser o de quebra de paradigmas na execução de políticas de produção e de exportação, para ter efetiva influência econômica no mundo.